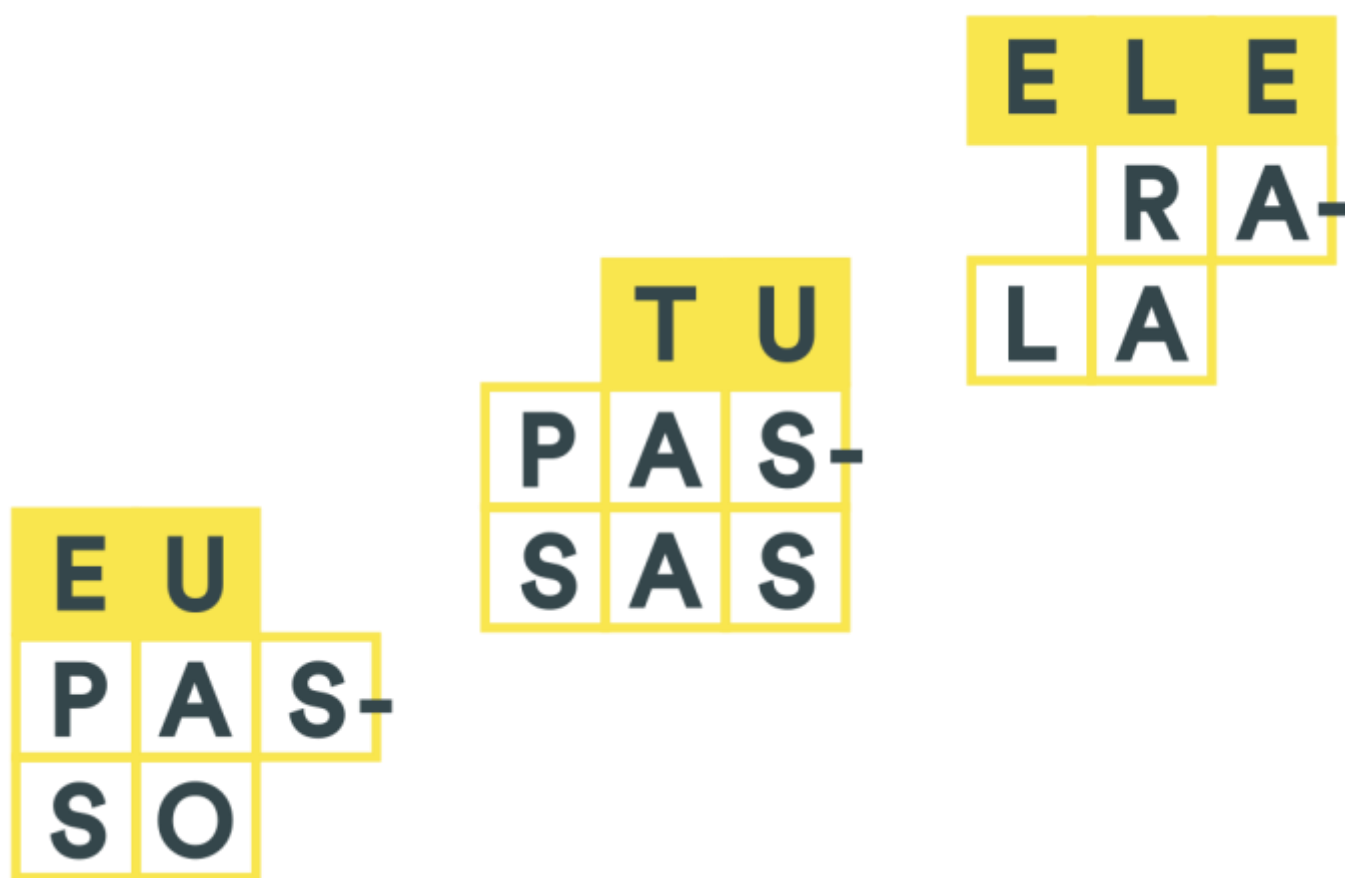


Revisão com Aprofundamento: Pós-Modernismo e Tendências Contemporâneas



Revisão com Aprofundamento: Pós-Modernismo e Tendências Contemporâneas

Leia o texto abaixo e responda as questões 1 e 2.

Tentação

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor – a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um *basset* lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos **esgotos secos – lá estava uma menina, como se fora** carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada. A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam.

Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p. 67-69

1. Um dos procedimentos críticos necessários à análise da obra literária é o entendimento da relação entre o narrador, as personagens e o leitor no desenvolvimento da trama. Determine o foco narrativo utilizado por Clarice Lispector no conto Tentação, caracterizando-o.

2. Em todo o conto, percebe-se a presença de signos visuais e cromáticos que reforçam o sentido do título. Comente a afirmação acima, destacando dois termos do texto que confirmam a sua argumentação.

Texto 2

Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinflando. Ao que eu ainda não tinha prazo para entender o uso, que eu desconfiava de minha boca e da água e do copo, e que não sei em que mundo-de-lua eu entrava minhas ideias. O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel – punia e terçava. Que, eu mais uns dias esperasse, e ia ver o ganho do sol nascer. Que eu não entendia de amizades, no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço a outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas

sem precisar de saber o porquê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, pp. 138-9

3. Guimarães Rosa é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Considerado a sua obra-prima, *Grande sertão: veredas*, romance publicado em 1956, representa uma profunda inovação em termos de narrativa, sendo até hoje referência para a nossa literatura. A partir da leitura do texto, destaque e comente dois aspectos que reiteram o que foi afirmado acima.

Leia o texto e responda as questões 4 e 5

Texto 3

O poeta ficou cansado
Pois não quero mais ser Teu arauto.
Já que todos têm voz,
por que só eu devo tomar navios
de rota que não escolhi?
Por que não gritas, Tu mesmo,
a miraculosa trama dos teares,
já que Tua voz reboa
nos quatro cantos do mundo?
Tudo progrediu na terra
e insistes em caixeiros-viajantes
de porta em porta, a cavalo!
Olha aqui, cidadão,
repara, minha senhora,
neste canivete mágico:
corta, saca e fura,
é um faqueiro completo!
Ó Deus,
me deixa trabalhar na cozinha,
nem vendedor nem escrivão,
me deixa fazer Teu pão.
Filha, diz-me o Senhor,
eu só como palavras.

Adélia Prado, Oráculos de maio

4. Interprete a leitura crítica do cotidiano realizada pelo eu-lírico.

5. Exemplifique sua interpretação dos versos de Adélia Prado quanto à estilização correspondente, efetuada na linguagem.

Gabarito

1. O foco narrativo do conto é de terceira pessoa marcado pela presença do narrador onisciente.
2. **Termos como “ruivo”, “ruiva”, “vermelho”, “flamejava”, “carne” mostram como a menina e o cão, por suas características assemelhadas, apesar de seus diferentes destinos, são atraídos de uma maneira irresistível um pelo outro, reforçando a ideia contida no título.**
3. O romance de Guimarães Rosa apresenta diversos níveis de inovação estética: a criação de palavras, ou seja, neologismos; a alteração da estrutura sintática usual; a reelaboração da fala do sertanejo, universalizando a temática regionalista.
4. Os versos de Adélia Prado encaminham uma leitura para um diálogo formalmente declarado, centrado na inquietação e no inconformismo em relação às questões existenciais, ligadas sobretudo à religiosidade.
5. Sob o ponto de vista estilístico, entre outros, ressalvem-se:
 - **o emprego do conectivo “pois” como uma “aparente” explicação ao título do poema e diálogo com Deus;**
 - a repetição de frases interrogativas, ratificando o inconformismo do eu-lírico com o mundo;
 - **o emprego do conectivo “e” com valor adversativo;**
 - a intercalação de diálogo com outro personagem que não Deus;
 - a retomada do diálogo com Deus através do emprego do vocativo com Sua resposta correspondente;
 - **o emprego de valor metafórico dos substantivos “pão” e “palavras”.**